

III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



Sessão Temática ST1: Gestão social e controle social de territórios

O “LUGAR” E O “LOCAL” NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

EL “LUGAR” Y LO “LOCAL” EN EL CONTEXTO DEL DESARROLLO TERRITORIAL

THE “PLACE” AND THE “LOCAL” IN THE CONTEXT OF TERRITORIAL DEVELOPMENT

Virginia Elisabeta Etges

Doutora em Geografia Humana (USP), Professora titular do PPG em Desenvolvimento Regional da UNISC,
Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq

Resumo: Neste ensaio pretendemos, de forma exploratória, contribuir com o debate sobre o significado dos conceitos de lugar e de local, a partir de fontes bibliográficas e de discussões em grupos de pesquisa que têm como tema o Desenvolvimento Regional. Enquanto o termo lugar é o *locus* de reprodução das relações do cotidiano, o uso do termo local remete a uma dimensão espacial específica, ou seja, um nível escalar para o estudo da configuração do território.

Palavras-chave: Desenvolvimento Territorial. Escalas de Análise. Lugar. Local

Resumen: En este ensayo pretendemos, de forma exploratoria, contribuir al debate sobre el significado de los conceptos de lugar y local, a partir de fuentes bibliográficas y discusiones en grupos de investigación cuya temática es el Desarrollo Regional. Mientras que el término lugar es el locus de reproducción de las relaciones cotidianas, el uso del término local se refiere a una dimensión espacial específica, es decir, un nivel escalar para el estudio de la configuración del territorio.

Palabras clave: Desarrollo Territorial. Escalas de análisis. Lugar. Local

Abstract: In this essay we intend, in an exploratory way, to contribute to the debate on the meaning of the concepts of place and local, based on bibliographic sources and discussions in research groups whose theme is Regional Development. While the term place is the locus of reproduction of everyday relationships, the use of the term local refers to a specific spatial dimension, that is, a scalar level for the study of the configuration of the territory.

Keywords: Territorial Development. Analysis Scales. Place. Local

INTRODUÇÃO

As transformações, cada vez mais aceleradas, que vivemos nos dias atuais exigem cuidado crescente com os conceitos que utilizamos para traduzir a realidade. Sabemos que nesse

III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUESTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



processo os conceitos também vão sendo reconstruídos, o que exige atenção redobrada dos pesquisadores que os utilizam na elaboração de interpretações da realidade.

Na área do Desenvolvimento Regional defrontamo-nos com conceitos que expressam, de forma coetânea, dimensões de espaço e de tempo, uma vez que podem ser datados, como espaço, espaço geográfico, território e região. Para além destes, temos os conceitos de lugar e de local, que, via de regra, aparecem como sinônimos.

O geógrafo Marcelo Lopes de Souza, na apresentação do livro *Os Conceitos Fundamentais na Pesquisa Sócio-espacial*, coloca em destaque o necessário cuidado que se deve ter com o “uso” dos conceitos, ao colocar a seguinte pergunta: O que são os nossos conceitos e para que eles servem? Para respondê-la, se vale de duas metáforas: Se pensarmos que, para elucidar a realidade, precisamos erguer “edifícios” que nos permitam enxergar mais e melhor, podemos entender os conceitos como os “tijolos”; a teoria como os “tijolos com argamassa” já assentados, formando um todo coerente, e o método como sendo a maneira de “assentar os tijolos”, “levantar as paredes”, etc., sem agredir a realidade (sem ignorar a “topografia”, sem enfeitar a “paisagem”, sem deixar de aproveitar os materiais disponíveis mais apropriados...)

É claro que não nos valem de tantos conceitos em uma pesquisa empírica (mas teoricamente lastreada...), ou reflexão essencialmente teórica (mas devidamente informada pela pesquisa empírica...) quantos são os tijolos de um edifício. Apesar disso, talvez a metáfora ajude a perceber o papel dos conceitos como *unidades explicativas fundamentais*, ao mesmo tempo constitutivas de qualquer construção teórica (e imprescindíveis a toda pesquisa que vá além do empirismo mais chão e descarnado) e nutridas pelas abordagens teóricas, as quais lhes garantem coerência. [...] Imaginemos, agora, os conceitos como “ferramentas”. Uma ferramenta, obviamente, só nos será útil se soubermos usá-la, se tivermos um mínimo de treinamento e familiaridade com ela. A melhor ferramenta será inútil nas mãos de alguém que nada entenda do ofício. Da mesma maneira que uma ferramenta precisa ser testada ou, pelo menos, se tornar familiar a quem vai utilizá-la, uma ideia vaga e ainda não refletida consciente e sistematicamente deveria ser antes considerada uma noção do que um conceito. (SOUZA, 2013, p. 11)

Neste ensaio, portanto, pretendemos contribuir com esse debate, a partir de fontes bibliográficas e de discussões em grupos de pesquisa, que têm como tema o Desenvolvimento Regional. Para tanto, apresentaremos a discussão dos dois conceitos em foco, iniciando pela abordagem do “lugar”, seguido da discussão do “local”, finalizando com a contextualização desses conceitos no âmbito do desenvolvimento territorial.

O significado de “lugar”

O conceito de lugar é uma ideia bastante explorada em ciências humanas, em particular na Geografia. A descrição que faz mais sentido ao uso atual dado ao conceito de lugar pela Geografia Humanista é a definição apresentada por Tuan nos anos 1970, que considera que a Geografia é a ciência que estuda a terra como lar das pessoas. Sendo assim, lugar se revela por apresentar significados e afeições, boas e ruins, estabelecidos entre o homem e o espaço geográfico. (SUESS; RIBEIRO, 2017).

III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



Milton Santos afirma que “o mundo, como um conjunto de essências e de possibilidades, não existe para ele próprio, e apenas o faz para os outros. É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos.” (SANTOS, 2001, p. 104)

Ou seja, o que funda o lugar é a unicidade e a contiguidade dos eventos. O lugar pode ser compreendido como a extensão do acontecer homogêneo ou solidário e é pelo lugar que revemos o mundo e ajustamos nossa interpretação, pois, nele, o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora. (SANTOS, 1996).

Souza (2013, p. 114), citando Oslender (2004), enfatiza que

O sentido de lugar se refere às maneiras como a experiência e a imaginação humanas se apropriam das características e qualidades físico-materiais da localização geográfica. Ele captura as orientações subjetivas que derivam do viver em um lugar em particular como um resultado de processos sociais e ambientais interconectados, criando e manipulando relações flexíveis com o espaço físico material. As abordagens fenomenológicas do lugar, por exemplo, têm tendido a enfatizar os modos como os indivíduos e as comunidades desenvolvem ligações profundas com os lugares por meio da experiência, da memória e da intenção.

Souza (2013) destaca ainda que no caso do conceito de lugar, não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais imediatamente perceptível diferentemente do que se passa com o conceito de território; mas sim a dimensão cultural-simbólica e, a partir daí, as questões envolvendo as identidades, intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significado

Portanto, enquanto o termo lugar é o *locus* de reprodução das relações do cotidiano, o uso do termo local remete a um recorte espacial específico, sendo, pois, um nível escalar para estudar e analisar a configuração do território.

Atribui-se a Carl Sauer a primeira importante contribuição para a valorização do conceito de lugar. Para o autor, a paisagem cultural é que define o estudo da Geografia e o sentido do lugar estaria vinculado à ideia de significação dessa paisagem em si. A partir daí, esse termo foi sendo vinculado não ao local, mas ao significado específico, ou seja, aos atributos relativos e únicos de um dado ponto do espaço, transformando suas impressões em sensações únicas. (HOLZER, 1999)

Com essa evolução, sobretudo pelas contribuições de autores como Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer, a ideia de lugar passou a associar-se à corrente filosófica da fenomenologia que, basicamente, trata os fatos como únicos, partindo da compreensão do ser sobre a realidade e não da realidade em si, esta tida como inatingível. Nesse contexto o lugar ganhou a ideia de significação e, mais do que isso, de afeto e percepção.

Espaços públicos de convivência e lazer são frequentemente abordados e estudados pela Geografia a partir da ideia de lugar. Em alguns casos, estudos geográficos com base nessas premissas foram responsáveis pela mudança na arquitetura de praças e espaços de lazer,

III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



sobretudo no sentido de adequar tais lugares à compreensão e percepção das pessoas e à ideia que estas tinham de como deveria ser o seu lugar. (HOLZER, 1999)

Na primeira metade da década de 1970 podemos destacar os nomes de Tuan e de Buttimer como os que mais contribuíram na busca por uma identidade própria para a geografia humanista. Esses autores foram pioneiros na utilização dos conceitos de lugar e de mundo vivido, ambos associados a uma base teórica fenomenológico existencialista, aporte que mais tarde permitiria a identificação de seus trabalhos como humanistas (HOLZER, 1999, p.115)

Para Tuan (2011, p. 2) lugar é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas.

O sentido de lugar é adquirido após um período de tempo. Quanto tempo? Podemos dizer, geralmente, que quanto mais tempo permanecermos em uma localidade melhor a conheceremos e mais profundamente significativa se tornará para nós, ainda que essa seja apenas uma verdade grosseira. Conhecer subconscientemente com os sentidos passivos do corpo — particularmente o olfato e o tato — exige longo tempo de permanência. Conhecer com a visão e a mente exige muito menos tempo (TUAN, 2011, p. 14)

Partindo de uma perspectiva humanista, interessada na subjetividade da relação homem-ambiente, a preocupação está em definir o lugar como base fundamental para a existência humana, como experiência ou "centro de significados" que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos espaço (HOLZER, 1999). Para Tuan (1983, *apud* CABRAL, 2007), espaço e lugar são termos familiares e complementares: o que começa como espaço indiferenciado acaba assumindo a configuração de lugar, ao conhecermos e o dotarmos de valor.

Há um fortalecimento no debate desse conceito chave e de conceitos auxiliares que em algum momento da história da ciência geográfica foram evocados, a saber, o lugar, a paisagem, a região, o território, a sociedade e a natureza. Desses conceitos, o lugar, talvez, seja o menos valorizado, pelo menos em boa parte de sua história enquanto ciência, contudo, atualmente está sendo fortalecido como um dos principais conceitos em Geografia, devido ao grande holofote dado pela Geografia Humanista, através de estudos do mundo vivido, da literatura, da música e da arte, em geral e, também, por meio da Geografia escolar, que vê nesse conceito uma importante ferramenta na construção de conhecimentos geográficos. (SUESS; RIBEIRO, 2017)

Assim, entende-se que o lugar possui uma maior amplitude, deixando de ser visto como um espaço qualquer na superfície, para incorporar os sentidos experienciais, no qual cada pessoa reconhecerá o significado por meio das relações construídas e estabelecidas. (SUESS; RIBEIRO, 2017)

A ideia da totalidade, que os filósofos nos legaram como produto da sua cosmovisão, como produto da sua formidável penetração no entendimento do mundo, agora, com a planetarização da técnica hegemônica, é trabalhável empiricamente. Acho que essa é a grande novidade, a grande ponte entre a produção de uma geografia teórica, isto é, o estudo dos conceitos, e os lugares. Por essa razão atribuímos tanta importância ao fenômeno da técnica na interpretação de lugares. Nesse sentido, o lugar é o lugar de uma escolha. O mundo está aí e o lugar colhe no mundo atributos que o realizam

III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUESTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



histórica e geograficamente. É o mundo que se dá seletivamente no lugar. O fenômeno técnico, na sua abrangência telúrica atual, permite entender a totalidade mundo a partir dessa empiricidade. Por conseguinte, a possibilidade de uma teorização que abranja o todo e a parte no campo do espaço se tornou possível também através, creio eu, e digo com toda a timidez, do cotidiano. Porque o cotidiano é a realização das pessoas e, quem sabe, também das instituições e das empresas nos lugares. (SANTOS, 1999, p. 22)

Faz-se necessário aqui ressaltar que os termos lugar e local não são sinônimos e nem sempre se referem ao mesmo contexto de análise do espaço.

De acordo com Bartoly (2011) o status de “conceito-chave” não reflete a atenção ou a importância dispensada ao lugar no âmbito da geografia. Na verdade, se comparado aos conceitos de espaço, território, região e paisagem, o lugar foi, e de certa forma continua sendo esquecido nos trabalhos dos geógrafos. Quando não é esquecido, acaba sendo confundido. Talvez, mais danoso do que o esquecimento seja a aplicação incorreta do conceito.

Para Bartoly (2011, *apud* SUESS; RIBEIRO, 2017, p. 6) "em quaisquer das correntes de pensamento da Geografia que trataram e tratam do lugar, reduzi-lo ao sinônimo de local marca um grave erro".

Nas condições atuais, o cidadão do lugar pretende instalar-se também como cidadão do mundo. A verdade, porém, é que o “mundo” não tem como regular os lugares. Em consequência, a expressão cidadão do mundo torna-se um voto, uma promessa, uma possibilidade distante. A partir do país como federação de lugares será possível, num segundo momento, construir um mundo como federação de países. Trata-se, em ambas as etapas, de uma construção de baixo para cima cujo ponto central é a existência de individualidades fortes e das garantias jurídicas correspondentes. A base geográfica dessa construção será o lugar, considerado como espaço de exercício da existência plena. (SANTOS, 2003)

Junto à busca da sobrevivência, vemos produzir-se, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos. Esse é, também, um modo de insurreição em relação à globalização, com a descoberta de que, a despeito de sermos o que somos, podemos também desejar ser outra coisa. Nisso o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. (SANTOS, 2003)

O lugar, assim como laço identitário a um local ou região, por ser portador e preservador de uma racionalidade própria, distinta da racionalidade instrumental globalizante, pode ser fonte de oposição a esta racionalidade e seu projeto de universalização totalizante, como afirma Silva (2019), destacando que

el lugar es la oportunidad del acontecer. y éste, al volverse espacio, aunque no pierda sus marcas de origen, gana características locales. es como si la flecha del tiempo se torciese en contacto con el lugar. el evento es, al mismo tiempo, deformante y deformado. por ello, se habla de la imprevisibilidad del evento, a la cual rícoeur denomina autonomía, es decir, la posibilidad de construir en el lugar una historia de las acciones que sea diferente del proyecto de los actores hegemónicos. ese es el gran

III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUESTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



papel del lugar en la producción de la historia e indicarlo es la gran tarea de los geógrafos en este fin de siglo. (SANTOS, 1996, p. 149)

O uso do território se dá pela dinâmica dos lugares. O lugar é o espaço do acontecer solidário e estas solidariedades definem usos e geram valores de naturezas múltiplas: culturais, antropológicas, econômicas, sociais, financeiras, entre outras. Essas solidariedades pressupõem coexistência, logo pressupõem o espaço geográfico. “Por enquanto, o lugar - não importa sua dimensão - é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essa resistência às escalas mais altas” (SANTOS, 2005, p. 259).

Local como escala

Na discussão de escalas, duas abordagens se colocam: a *escala cartográfica* e *escala geográfica*. Souza (2013) explica que a *escala cartográfica* consiste, simplesmente, na relação matemática entre as dimensões de um objeto qualquer no mundo real e as dimensões do desenho que representa esse mesmo objeto em um mapa, carta ou planta. Assim, a *escala cartográfica* pode ser apresentada sob a forma de uma escala numérica, em que a proporção é expressa como uma fração, sendo que o denominador representa a distância no terreno, e o numerador, seu equivalente no mapa, planta ou carta. Por exemplo, 1: 1.000.000 significa que um centímetro no mapa equivale a um milhão de centímetros no terreno (ou seja, 1.000 quilômetros). Porém, ela também pode ser apresentada na forma de uma escala gráfica em que a proporcionalidade é expressa com a ajuda de uma barra numerada. Muitas vezes é conveniente utilizar apenas a escala gráfica pois ela não perde a validade quando a figura é reduzida ou é ampliada, uma vez que a barra da escala é reduzida ou ampliada na mesma proporção.

É importante esclarecer também que na cartografia, quanto maior o denominador, menor é a escala; e inversamente, quanto menor for o denominador, maior será a escala. Uma escala é dita grande quando é de 1:50.000 ou “maior” (carta topográfica ou planta), e dita pequena quando for de no mínimo 1:2.000.000 (quando se trata de representar países ou continentes). Portanto, quanto maior a escala, maior será a quantidade de detalhes observáveis. (SOUZA, 2013). Portanto, a representação do local numa *escala cartográfica* (mapa, carta ou planta) vai se dar sempre em uma escala grande.

Entretanto, o enfoque neste ensaio recai sobre a *escala geográfica*, que é mobilizada como um instrumental metodológico de observação de fenômenos socioespaciais que se desdobram por múltiplas escalas de análise (local, regional, nacional, global), apresentando características específicas e diferenciadas em cada uma delas. Por isso é importante observar que:

Na pesquisa sócio-espacial – e, na verdade, também em outras áreas de pesquisa e até mesmo no âmbito do senso comum – quando falamos que um determinado fenômeno ocorre em “larga escala” ou em “grande escala” não estamos querendo dizer que ele tem um alcance tão pequeno ou uma extensão tão restrita a ponto de poder ser adequadamente representado por uma carta topográfica ou mesmo por uma planta; muito pelo contrário: significa que seu alcance ou a sua extensão é tão grande que, se quiséssemos ou pudéssemos representa-lo cartograficamente, teríamos de apelar para um mapa cuja *escala cartográfica* seria pequena (ou na maior das hipóteses, intermediária: por exemplo 1:500.000 ou 1:1.000.000). (SOUZA, 2013, p. 181)

III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUESTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



Harvey (2000, p. 75) afirma que as escalas de análise não são imutáveis nem muito menos “naturais”, elas são, muito pelo contrário, produtos de mudanças tecnológicas, modos de organização humana e da luta política. Nas palavras de Marston (2004 *apud* SOUZA, 2013, p. 191), “a escala não é uma categoria pré-existente, apenas à espera para ser aplicada, mas sim um modo de contextualizar concepções da realidade. Isso significa que diferentes escalas constituem e são constituídas através de uma estrutura histórico-geográfica de interações sociais.”

De acordo com Souza (2013) a escala local se refere a recortes espaciais que, em graus variáveis, de acordo com o seu tamanho, expressam a possibilidade de uma vivência pessoal intensa do espaço e, adicionalmente, a possibilidade de formação de identidades sócio-espaciais bastante particulares sobre a base dessa vivência.

Isso não é um formalismo, apesar das muitas possibilidades de variação: afinal, seja em uma cidade (ou mesmo numa metrópole), em uma vila ou aldeia, ou em uma pequena área rural, a chance de se encontrar frequentemente com certas pessoas (sejam amigos ou parentes ou “quase desconhecidos” que moram e trabalham nas nossas cercanias) é especialmente grande, assim como especialmente grande é o acesso a informações – por meio dos meios de comunicação, dos comentários de amigos e vizinhos, etc – sobre esse espaço menos ou mais restrito que vai de nossa rua à nossa cidade (ou vila ou aldeia), ou à metrópole. E não é só isso: é igualmente a essa escala que se vinculam os níveis mais básicos da administração estatal (municípios e eventualmente suas subdivisões político-administrativas – e, em um nível maior de complexidade, a isso podem ser agregados, às vezes, os órgãos metropolitanos) representando uma situação de maior proximidade física entre os cidadãos e a sede do poder estatal (no que concerne ao “Estado local”). É bem verdade que essa maior proximidade costuma ser politicamente muito enganosa e objeto de manipulação ideológica, uma vez que a distância político-social substantiva pode ser imensa, e geralmente o é em uma sociedade estruturalmente dividida entre dirigentes e dirigidos; no entanto, por outro lado a menor distância física oferece mais facilmente a chance de os cidadãos exercerem práticas espaciais de protesto direcionadas a tais sedes de poder estatal... Aliás, e adicionalmente, é por isso também que precisamente, na escala local, a participação política se mostra mais viável, notadamente no que concerne à possibilidade de interações entre as pessoas em situação de copresença (ou seja, contatos face a face). (SOUZA, 2013, p. 202).

A escala, entendida como extensão da organização dos fenômenos ou como um dado da organização, constitui uma manifestação do conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que foram o espaço. A combinação de fins e meios muda ao longo do tempo e, com ela, a superfície de incidência, a área de ocorrência, a situação e sua extensão; por isso a escala é um limite e um conteúdo que se transformam ao sabor das variáveis dinâmicas que decidem sobre o acontecer regional ou local (SANTOS, 1996).

Lugar e Local no Desenvolvimento Territorial

Vivemos com uma noção de território herdada da modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão

III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUESTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



histórica. o que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro. (SANTOS, 2005)

A ciência política de modo geral ignora o território – dá conta da divisão dos estados, dos municípios, mas não dos conteúdos –, como se ele não tivesse um conteúdo social. Este aparece apenas como estatísticas, que são caixinhas que vamos abrindo à medida que necessitamos produzir o discurso, mas está excluído o conteúdo – o dinamismo socio-territorial, socioespacial, essas formas-conteúdo que têm a ver com a existência. (SANTOS, 1999)

Trata-se, portanto, de pensar sobre uma nova ordem mundial que relaciona o global e o local. A ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única que os constitui em sistema, característica essencial do período técnico científico e informacional, produtor de verticalidades. Já a ordem local diz respeito a uma população contígua de objetos, reunidos pelo território e, como território, regidos pela interação, pela contiguidade, denominadas de horizontalidades. (SANTOS, 2005, p. 254)

Essa ideia de território usado pode ser mais adequada à noção de um território em mudança, de um território em processo, destacou Santos (1999). Se o tomarmos a partir de seu conteúdo, uma forma conteúdo, o território tem de ser visto como algo que está em processo. E ele é muito importante, ele é o quadro da vida de todos nós, na sua dimensão global, na sua dimensão nacional, nas suas dimensões intermediárias e na sua dimensão local. Por conseguinte, é o território que constitui o traço de união entre o passado e o futuro imediatos. Ele tem de ser visto como um campo de forças, como o espaço do exercício, de dialéticas e contradições entre o vertical e o horizontal, entre o estado e o mercado, entre o uso econômico e o uso social dos recursos.

Considerações Finais

O objetivo desse ensaio foi trazer elementos para o debate sobre os conceitos de lugar e local, via de regra entendidos como sinônimos. Isto se evidencia nos textos de vários autores, inclusive no texto de Milton Santos, conforme segue:

A territorialidade é um atributo do território ou dos seus ocupantes? Vivo o meu cotidiano no território nacional ou no *lugar*? Essas perguntas me parecem importantes porque estão ligadas ao que eu chamaria de saber da região em contraposição a saber do expert internacional. Este, cada vez mais, é chamado a falar sobre o *lugar*, quando no máximo deveria fazer uma palestra de dois dias e ir embora. Porque o saber *local*, que é nutrido pelo cotidiano, é a ponte para a produção de uma política – é resultado de sábios locais. O sábio *local* não é aquele que somente sabe sobre o *local* propriamente dito; tem de saber, mais e mais, sobre o mundo, mas tem de respirar o *lugar* em si para poder produzir o discurso do cotidiano, que é o discurso da política. Por conseguinte, o expert de fora vem como aquele que atíça a brasa como um fole. E tem que ir embora. (SANTOS, 1999, p. 21)

Tenho cada vez mais consciência de que há necessidade de se fortalecer a produção desse saber *local* e, no caso brasileiro, de apoiar a multiplicação de Universidades, sobretudo de Programas de Pós-Graduação. [...] Essa produção do saber *local* é o que vai permitir que os estudos sejam menos dirigidos aos colegas, já que o que hoje produzimos não é para mais ninguém senão para nós mesmos. Trata-se do que os

III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



franceses chamariam hoje uma produção fechada. Os colegas leem, os colegas citam e ficamos felizes. Felizes *interni corporis*, mas se desejarmos que o nosso trabalho realmente seja uma produção que apresse o desenvolvimento social, será outra a forma de produção do saber. (SANTOS, 1999, p. 22)

Ao fazer esse destaque não estamos imprimindo demérito à obra de Milton Santos, apenas ilustrando que assim como as obras dos autores são datadas, também os conceitos são construções datadas, mas que ao longo do tempo podem ser revisitados e redefinidos.

A partir do exposto, concluímos que é no território que se observar os arranjos sócio-espaciais que podem ser identificados nas escalas local, regional, nacional ou global, por exemplo. E é também no território que o lugar se manifesta a partir da relação que indivíduos ou grupos sociais estabelecem com o espaço em que vivem, tendo o lugar como espaço de vida.

REFERÊNCIAS

BARTOLY, F. Debates E Perspectivas do Lugar na Geografia. **GEOGRAPHIA**, NITERÓI, RJ, V. 13, N. 26, P. 66-91, 2011.

CABRAL, L.O. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, Edufsc, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, abril e outubro de 2007.

HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. p.67-78, 1999. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf Acesso em: 15 de ago. 2022.

SILVA, D. J. S. Sentido de Lugar e Territorialidade na leitura Geográfica dos Movimentos Indígenas na Amazônia. In: COUTO, A. C. O.; SANTOS, T. V.; RIBEIRO, W. O. **Amazônia: fronteiras, grandes projetos e movimentos sociais**. Belém: EDUEPA, 2019.

SANTOS, Milton. O retorno do território. En: **OSAL - Observatorio Social de América Latina**. Año 6, n. 16. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 2, 1999, p. 15-26.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.



III SLAEDR
SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL
VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

 **DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

PROMOTORES:



APOIO:



SUESS, R. C.; RIBEIRO, A. S. S. O Lugar na Geografia Humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – escala, críticas e cientificidade. **Revista Equador** (UFPI), Vol. 6, Nº 2, 2017, p.1 – 22. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/equador>
Acesso em: 12 ago. 2022.

TUAN, Y Fu. Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço Humanista. **Geograficidade** v.01, n.01, 2011.